

## Em cada esquina uma esplanada

---

[leitor.expresso.pt/semanario/semanario2489/html/primeiro-caderno/sociedade/em-cada-esquina-uma-esplanada](https://leitor.expresso.pt/semanario/semanario2489/html/primeiro-caderno/sociedade/em-cada-esquina-uma-esplanada)

Espaço público Com a pandemia, as esplanadas cresceram em área e novas surgiram em pracetas, jardins, separadores e estacionamentos. Onde havia automóveis, há agora mesas, cadeiras e pessoas à conversa

Em cada esquina uma esplanada

Textos Dina Margato Foto Rui Duarte Silva

A covid-19 obrigou a reduzir para metade a lotação no interior dos cafés, pastelarias e restaurantes e os negócios ressentiram-se. A solução foi reforçar o serviço onde os clientes sentem maior segurança: ao ar livre. As esplanadas nunca foram uma opção generalizada em Portugal, apesar do clima propício, mas com a pandemia explodiram em número e área e estão agora ao virar de cada esquina, estimuladas também pela isenção, até ao fim do ano, das taxas de ocupação do espaço público decretadas pela generalidade dos municípios, a par de outras medidas facilitadoras — desde que se mantenha uma passagem pedonal mínima.

Os pedidos de licenciamento são realizados localmente e o balanço nacional está por fazer, mas alguns dos dados parcelares provam já a expansão extraordinária. Coimbra é uma das cidades onde a tendência é mais expressiva. De abril a finais de junho, as requisições de esplanadas cresceram 13 vezes (de quatro para 55,35, que já foram aprovadas) e a área aumentou 14 vezes (de 122 para 1700 m<sup>2</sup>).

“Se não fosse a esplanada e o take-□away, não tínhamos clientes”, garante Sandra Cruz, responsável por um restaurante da Avenida Sá da Bandeira. A sala, de 150 lugares, que estava sempre cheia,

está vazia. “Ninguém entra. Lá fora pode beber-se só um café, mas temos sempre pessoas.”

### Passadeiras para garçons

A Praça da República quadruplicou as cadeiras, propriedade dos cafés localizados em redor, ao ponto de serem pedidas à autarquia passadeiras provisórias, de cor amarela, para tornar segura a travessia dos empregados de mesa com bandejas. Ao lado, o Jardim da Sereia tem agora dois cafés sobre a terra batida. Abaixo, o separador da Avenida Sá da Bandeira está ocupado por três equipamentos, um deles extensão de um restaurante, que tem cozinha do outro lado da estrada.

A norte, em Gaia, os pedidos para novas esplanadas triplicaram (de 14 para 42), a que se somam nove pedidos de ampliação. Desde 31 de maio, os serviços da Câmara Municipal do Porto emitiram 301 licenças (não há dados equivalentes de 2019) e mais do que triplicou a superfície ocupada, atingindo atualmente os 6421 m<sup>2</sup>. Em Via na do Castelo criou-se o programa Viana à Esplanada e houve 90 autorizações.

Em Lisboa, a competência do licenciamento cabe às juntas de freguesia e atualmente os inscritos na plataforma central são já 388. O número não permite tirar ilações sobre o crescimento, mas é observável que surgem novos estrados na calçada todas as semanas. Nos arredores da capital, na Amadora, abriram 19 novas esplanadas e 12 aumentaram de tamanho. No concelho de Cascais obtiveram-se 103 licenças — o pedido mais insólito para esplanada pretendia a instalação de mesas num triângulo de separação de vias. Acabou chumbado, mas arranjou-se alternativa.

Por todo o país há lugares de estacionamento transformados em esplanadas. Lisboa recebeu 69 pedidos neste sentido e 38 equipamentos estão já a funcionar. No Porto, foram 34 e em Gaia 14. Em Cascais, 20 esplanadas conquistaram espaço aos carros,

inclusivamente com o encerramento ao trânsito de algumas vias para aumentar o espaço de mesas e cadeiras e a passagem de peões. Lisboa prepara a devolução da Rua Nova da Trindade aos transeuntes.

Teresa Calix, investigadora na área da morfologia das cidades e professora de Arquitetura na Universidade do Porto, explica que o crescendo de esplanadas e, em particular, a substituição do estacionamento por esplanadas surgem na sequência de um processo de valorização do espaço público no qual se inscreve o uso das bicicletas e zonas pedonais. Com a covid-19, o processo acelerou. “A pandemia veio precipitar transformações e, sobretudo, pôr-nos a pensar na qualidade do espaço público que temos.” Nunca se usaram tanto os interiores ajardinados dos prédios ou as varandas, lembra. Há dias, depois da visita a uma amiga, a sua filha comentou: “‘A varanda dela é maior do que a nossa.’ Não reparou em mais nada. Focou-se no espaço virado para o exterior.”

Sobre o estacionamento, Teresa Calix diz que “15 m<sup>2</sup> para um carro estar parado, e este pode estar parado um dia inteiro, dá para colocar três mesas e um sofá. O estacionamento traduz um uso pouco eficiente do espaço”. Por outro lado, “as esplanadas terão de ter limites de utilização, pois o espaço é de todos. Não pode haver sobreposição a outras funções, não podem impedir percursos”.

Usufruir do ar livre, mas a pagar

Carlos Fortuna, investigador na área do urbanismo e professor na Universidade de Coimbra, alerta, porém, para o facto de o alargamento de esplanadas ser uma extensão de áreas de exploração privada em espaços comuns. “Nas cidades de hoje,

qualquer que seja a sua escala, é clara a escassez de lugares onde as pessoas se possam sentar.” Portanto, “as esplanadas são uma alternativa para usufruir do espaço aberto, mas é preciso pagar”.

Tiago Mota Saraiva, arquiteto e urbanista, defende que é preciso evitar que as esplanadas se tornem inacessíveis e pede que se pense melhor sobre a necessidade do consumo obrigatório.

Chocou-o ver uma idosa a levantar-se após ser abordada pelo empregado de mesa numa esplanada em Lisboa. “Aquela senhora foi impedida de descansar por não querer consumir. O Estado tem de assegurar que a maior privatização não resulte em privatização do espaço público. As esplanadas também têm de desempenhar um papel social. Damos mais espaço às esplanadas para poderem ter o negócio e elas têm de dar de volta alguma coisa à comunidade.”

Teresa Calix nota nos seus alunos da Universidade do Porto uma maior sensibilidade para o planeamento de espaço comum. Um dos trabalhos que avaliou recentemente propõe a construção de esplanadas pelos municípios. “Os idosos precisam de bancos para se sentarem, há uma geração que usa computadores em qualquer lado e que precisa de mesas, as crianças precisam de áreas para brincar.”